

Linguagem Escolar e a Construção da Identidade e Consciência Racial da Criança Negra na Educação Infantil¹

Carolina de Paula Teles²

Resumo

O presente texto aborda o papel da linguagem na constituição da identidade e consciência racial da criança negra. Constatou-se que o silêncio tem um papel relevante no que se refere à temática racial e educação, e nesse caso o silêncio tem resultados prejudiciais. O fato da temática não ser abordada nesse nível de ensino, dá a possibilidade de se reproduzir muitas concepções sobre a população negra. Assim, pudemos supor que mesmo que não se expresse, não significa que isso seja menos prejudicial à construção da identidade e consciência racial das crianças negras.

Palavras-Chave: *Linguagem; ideal de branqueamento; identidade e consciência racial; educação infantil.*

1. Introdução

O presente texto é composto de constatações, reflexões e questionamentos resultantes do término de uma pesquisa realizada na graduação. Tal pesquisa tinha como objetivo, investigar qual é o papel da linguagem na constituição da identidade e consciência racial das crianças negras de uma Escola Municipal de Educação Infantil (Emei).

Partimos da compreensão que a linguagem (verbal e não-verbal) é carregada de mensagens e significações, nesse sentido podemos dizer que ela é um dos veículos centrais na transmissão das ideologias, cria uma imagem de algo, ao mesmo passo é produto social e histórico. O aporte teórico escolhido para realizar a análise foi referente à linguagem, tendo como base as obras de Bakhtin (1992; 1995) e de Vygotsky (1991; 2000). Bakhtin

¹ A presente pesquisa foi desenvolvida em 2005, com apoio da FAPESP na modalidade iniciação científica, sob orientação da professora doutora Tânia Suely Antonelli Brabo e teve como título: “A linguagem, identidade e consciência racial da criança negra - uma análise à luz de Vygotsky e Bakhtin”.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de Marília e mestranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

trata sobre a construção de uma concepção histórico-social da linguagem e Vygotsky a respeito da formação de uma psicologia historicamente fundada.

Vygotsky ao defender tal concepção, instituiu a teoria Histórico-Cultural, instaurando na psicologia contemporânea, de modo direto e indireto, um conjunto de novos problemas de investigação que deram maior importância para a educação das crianças de 0 a 6 anos e também sua socialização, a fim de melhorar a compreensão da primeira infância e os fatores que pudessem contribuir para o seu desenvolvimento.

Desse modo, mesmo que as idéias desses autores, não partam do mesmo objeto muito, no entanto, são os pontos em comum. O primeiro é o fato de que ambos adotam o referencial do materialismo histórico para desenvolver seus estudos. Tal concepção assume como pressuposto que o homem não nasce com todas as suas características psíquicas determinadas, mas sim, que estas se desenvolvem a partir da apropriação da experiência social que se encontra no momento histórico em que nasce.

Outro aspecto refere-se a linguagem, que para ambos ocupa um lugar fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que o significado das palavras fornece à criança os resultados destilados da história de sua sociedade e oferece uma construção teórica que coloca a linguagem como ponto de partida na investigação das questões humanas e sociais. Nesse sentido, a linguagem é compreendida como prática social, e assim deixa de ser primordialmente instrumento de comunicação, passando a se constituir como mecanismo de interação social, através do qual os indivíduos e grupos agem influenciando uns aos outros. Bakhtin (1995) compreende a linguagem como signo ideológico que não pode ser analisado fora do social e das relações de poder e essa sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.

De acordo com Freitas (1994) e Jobim e Souza (1994), a perspectiva da teoria Histórico-Cultural, presente na obra dos dois autores, foi uma tentativa de superar o reducionismo presente em determinado momento nas ciências humanas, que pautada nas ciências naturais, passou a compreender o homem desligado do seu meio social e político, desse modo ocultando as contradições existentes na sociedade.

Nesse sentido a hipótese deste trabalho é que tanto as crianças negras como as brancas não nascem com um sentimento negativo, ligado a inferioridade sobre a população negra, mas constroem o significado que o sujeito negro tem no nosso meio social, com bases nas construções históricas e sociais já estereotipadas em nossa sociedade.

Para Vygotsky (1991; 2000) o desenvolvimento humano ocorre do nível social para o nível individual, o que significa dizer que no desenvolvimento humano existe a necessidade de apropriação da experiência do outro para que possa existir a experiência individual. Desse modo, o autor compartilha as idéias do psicólogo francês Pierre Janet (1859-1947)³, ao afirmar que os processos interpessoais transformam-se em processos intrapessoais. Entretanto no 1º. estágio, as funções mentais existem no nível de interação das crianças com os adultos; elas são interpsicológicas. À medida que esses processos são interiorizados, passam a existir “dentro” das crianças, torna-se intrapsicológico (MOLL, 1986, p. 45). Enfim esses dois processos servem para compreensão de como a criança internaliza e compartilha conceitos que circulam na sociedade.

Dentro desta perspectiva, entendemos que a identidade e a consciência da criança negra estão sendo constituídas por valores sociais sobre o negro que circulam primeiramente na sociedade e que depois passam a fazer parte de seus próprios valores no processo de interação social.

Estamos compreendendo identidade de acordo com Ciampa (1992), o autor compreende que a construção da identidade tem relação tanto com a individualidade quanto com o social ao qual o sujeito pertence. Desse modo, não podemos nos referir ao indivíduo isolado, mas sim como um ser social. Assim, a construção da identidade quanto a consciência de seu pertencimento racial se constrói nas relações com os outros. Esses dois processos irão se formar a partir de um conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais e, também, por uma representação social⁴ do grupo ao qual ele pertence, de maneira que a construção se dará de forma dialética entre a história individual e coletiva.

Nesse contexto se apresenta a problemática da pesquisa, ou seja, como a linguagem influencia na constituição da subjetividade das crianças negra da educação infantil. Procurou-se compreender desse modo, o que a criança negra ouve, fatos que circulam no

³ Pierre Janet (1859-1947) foi referência para Vygotsky. Tal autor discutiu a formação do indivíduo. Focalizava a formação da personalidade, a individuação e as transformações ocorridas na infância e na idade adulta, considerando a dimensão social dos processos humanos.

⁴ A idéia de representação social baseia-se em Moscovici (1978), qual define a representação social “como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (p.26). Ela é equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e crenças ou mesmo teorias do senso comum, que designa uma forma de pensamento social e são utilizadas para explicar fatos, classificar objetos, pessoas e grupos.

ambiente escolar, que pode estar influenciando a formação de sua identidade e consciência racial.

Ao se propor uma análise no ambiente de educação infantil é importante ressaltar que esta é uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, visto que a educação recebida terá grande influência para o desenvolvimento futuro da criança como um ser social. Nesse momento que irá, intensificar suas relações sociais através do contato com o outro e com a cultura, e estará internalizando normas e valores.

Nesse processo de socialização que a criança constrói sua identidade, pois o espaço da educação infantil possibilita as interações entre as crianças e os adultos e a convivência com as diferentes culturas presentes na sociedade. No entanto, dependendo de como é tratada a diferença, ela poderá contribuir para o reconhecimento do outro e para a constatação das diferenças como algo a ser valorizado.

A pesquisa compreendeu que a criança negra constrói sua identidade e consciência racial com base nas informações provenientes de dentro e de fora da escola. Como apontam estudos como o de Cavalleiro (2000) e Souza (2001), a escola é o local em que as crianças negras aprendem o significado de ser negro na sociedade. Tal aprendizagem ocorre com a articulação do mundo interno e no externo.

2. Metodologia

A fim de atender os objetivos da pesquisa, realizamos observações do cotidiano escolar, permanecendo na Emei duas vezes por semana durante 2 horas e em alguns dias todo o período, das 13h às 16h que corresponde ao horário da saída.

Optou-se pela pesquisa de campo, pois consideramos um meio essencial se o que queria é ter contato com os materiais simbólicos que as crianças negras estavam convivendo e melhor compreender como esses atuavam na subjetividade das mesmas, no que se refere a constituição de sua identidade. De acordo com Lüdke e André (1986), a observação direta permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos e que assim acompanhe in loco as experiências diárias de determinado grupo.

Desse modo, a pesquisa se caracterizou como qualitativa na perspectiva de Lüdke e André (1986), tendo com apoio na observação a abordagem etnográfica. Para Barcellos (2004) “a etnografia vem sendo buscada como um modo privilegiado de compreender e dar sentido aos modos de ser e representar a existência dos que não compartilham

plenamente o sistema cultural hegemônico”. Acredito que isso possa ocorrer através do que Geertz (1973) chama de descrição densa e é o que deve ser a maior preocupação da etnografia, ou seja, obter uma descrição completa, sobre o que um grupo particular de pessoas e o significado que determinadas ações tem para este grupo. Ao proceder dessa forma, permite relatar a cultura do outro e desse modo valorizar e tentar compreender os significados da cultura e o que suas diferentes teias significam para cada grupo.

A pesquisa se desenvolveu em uma (Emei) na cidade de Marília (SP), nos meses de Setembro à Novembro de 2005, em uma sala de Pré II, assim com crianças de cinco anos. O critério usado para a escolha da turma, foi a que tivesse maior número de crianças negras freqüentes, no caso da turma escolhida as crianças negras totalizaram 64%. Em concordância ao objetivo, optou-se por dar maior ênfase para o diálogo mantido entre as crianças e entre a professora e as crianças.

Para verificar como as crianças negras estavam construindo sua identidade e consciência racial realizou-se rodas de história. A proposta no caso era saber o papel da linguagem nesse contexto. A proposta foi que fossem realizados oito encontros, um por semana, e em cada encontro fosse contada uma história, que tivesse um personagem negro e após a leitura houvesse uma conversa com as crianças sobre a história.

3. Cotidiano Escolar

A observação do cotidiano da Emei foi importante, pois só o convívio permite penetrar no modo de vida de um grupo e vivenciar os estilos de vida e as manifestações comuns estabelecidas, desta forma, foi possível tecer interpretações de como estava sendo tratada a criança negra, bem sobre as práticas educativas.

No que tange às relações entre a professora e as crianças, percebemos a ausência do contato físico e do diálogo; as falas eram poucas e não presenciemos qualquer elogio às crianças, o que não estimula nas mesmas um sentimento de capacidade e de pertencimento, que poderia influenciar positivamente no desenvolvimento da auto-estima e em especial das crianças negras. Sendo assim, pode-se supomos que as crianças negras terão prejuízos na construção da identidade, pois há uma carência tanto do contato físico, como de diálogo. E tais interações sociais são essenciais para a ampliação dos laços afetivos e para construção da identidade e do reconhecimento do outro (RCN, v.2, p.11).

A respeito da ausência do diálogo, Rossato (2001), salienta a importância da linguagem e a considera não somente um instrumento de comunicação, e sim que através da mesma repassamos valores culturais acumulados de cada sociedade.

De acordo com os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, o desenvolvimento psíquico da criança é considerado como o processo de assimilação da experiência histórico-social acumulada pelas gerações anteriores. Nesse sentido, é através da interação entre os sujeitos que as crianças aprendem as regras da sociedade, nessa aprendizagem a comunicação tem seu papel essencial, como também o contato e as atividades proporcionadas por elas.

No que refere a questão da diferença em termos gerais, constatou-se silêncio por parte da professora, fato que se repete também nas outras turmas e na escola no geral. De acordo com a professora, todas as crianças são iguais, pelo fato de residirem no mesmo bairro, localizado na periferia da cidade de Marília, e sendo assim não há diferenças entre as crianças. Aqui se percebe que há a tentativa, mesmo que seja inconsciente, de se diluir a questão pautadas nos conflitos pautados nas diferenças para a questão social. No entanto, diz BENTO (2002, p.27) “[...] Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da branquidão, o que não é pouca coisa [...]. Além disso, mesmo que seja atribuída à questão social, a pobreza tem cor”.

Ao manter esse tipo de atitude, ou seja, silenciar-se, “[...] a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo” (CAVALLEIRO, 2000, p.100). O silêncio, ao passo que permite à criança branca ver o outro diferente como inferior, permitirá que a criança negra, vá internalizando valores negativos a respeito de si próprio pautados principalmente no seu corpo, afetando a sua identidade que está em construção. No entanto esse silêncio

Assim, pudemos observar que a questão da diversidade constitui um tema que não têm importância no desenvolvimento do trabalho escolar, como também o respeito às diferenças. Questões como a socialização e o respeito mútuo são pouco trabalhadas. No entanto, segundo o Referencial Curricular nacional para Educação Infantil (RCN) a função da Educação Infantil, deve ser a de:

[...] tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (RCN, v.1,p.23).

Ou seja, o RCN pressupõe que a escola de educação infantil vise e se empenhe para que haja respeito à diversidade cultural e étnica presente em nossa sociedade. No caso da professora do Pré II, foi possível constatar que possuía uma preocupação central, relacionada com a alfabetização, desse modo as atividades seguiam sempre com um único foco, das crianças aprenderem a ler e a escrever.

4. Hora da história: reconhecimento ou negação

Utilizou-se roda de história, posto que um dos objetivos foi identificar nas falas das crianças negras como estão construindo sua consciência racial e em relação as crianças brancas e negras verificar sua concepção sobre o negro.

Na realização das rodas de histórias, foram lidos oito livros de literatura infantil⁵. O critério para escolha dos livros, foi ter algum personagem negro na história. A presença de um personagem negro, como critério para escolha dos livros, se justifica pelo objetivo da roda de história, assim somente um livro com a presença de, pelo menos, um personagem negro poderia trazer a tona, através das conversas com as crianças, a imagem que elas possuem do indivíduo negro e os possíveis estereótipos que poderiam ter internalizado a respeito do mesmo.

Essas indagações se articulam com a linguagem na medida em que esperávamos que as crianças, ao falarem sobre as histórias contadas, expusessem opiniões e estereótipos que muitas vezes são reproduções. Acreditamos que esse fato nos permitiu identificar por mais esse instrumento, qual papel da linguagem na constituição da identidade e consciência racial da criança negra.

Não posso deixar de relatar a dificuldade que tive para encontrar livros de literatura infantil, fato que se estende para outras categorias, que possuíssem um personagem negro ou mesmo que tratasse da temática racial. Mesmo com tal dificuldade, consideramos essencial que nas escolas de todos os níveis de ensino, esteja presente e que os professores façam uso dessa literatura, posto que valoriza a população negra e caracteriza uma importante contribuição para construção positiva da identidade da mesma

Nesse contexto, consideramos a literatura não penas como um espaço de representação de maneira neutra, posto que pode ser um meio pela qual se legitima

⁵ A referência dos livros de literatura infantil se encontra nas referências bibliográficas.

ideologia, essa torna-se um documento importante de análise sobre como estão as relações raciais no Brasil, posto que se utiliza estratégias específicas e subjetivas para legitimar e reproduzir conceitos e ideologias. Com tal premissa que foi realizada análise das conversas da roda de história. A análise se pautou em alguns critérios, que foram levantados para as crianças, como a cor da pele, características do corpo, vestimentas, fala, comportamentos, auto-identificação e as diferenças.

No decorrer dos encontros, foi se tornando evidente qual é a concepção que as crianças negras têm sobre si própria e sobre grupo racial e como as crianças brancas percebem a população negra. Algumas questões foram presentes e latentes em todos os encontros, como a auto-identificação com o branco por boa parte das crianças negras, o ideário que o belo é e só pode ser branco, em contrapartida como uma representação negativa do negro.

Nesse caso torna-se uma dificuldade para a criança negra se identificar com o grupo, posto que afirmar-se como negro na nossa sociedade, ainda hoje, é trazer para si uma série de estereótipos negativos que estão vinculados à população negra. Posto que a cor negra aparece como muita frequência associada a coisas e personagens maus. “O negro é associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência” (ROSEMBERG, 1985, p.84).

A criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si própria, o que leva a procurar valores e características brancas. As crianças negras, no ambiente escolar, têm muitas razões para odiar sua cor, pois esta não é, em nenhum momento vista, notada ou ao menos valorizada, ao contrário da branca que é majoritariamente bem representada nesse mesmo local. Podemos ter nesse momento o início da construção de uma identidade branca, mas que não pertence à criança negra, assim acreditamos que presenciamos ao final do processo de internalização, o seu resultado que é o ideal do branqueamento⁶, uma identidade deteriorada, que se configura através da negação de qualquer semelhança com indivíduos negros.

⁶ O ideal de branqueamento fez parte de uma política nacional de promoção a imigração européia. O ideal pressupunha a eliminação do negro, que seria assimilado ao branco como solução para o problema racial no Brasil, ou seja, o numero excessivo de sujeitos negros libertos no país, após a abolição. Como uma das conseqüências, temos a valorização do mestiço, que se fez através da desvalorização da característica negra e, em contrapartida uma valorização das características dos indivíduos brancos (BERNARDINO, 2002, p. 249-253).

Tal internalização ficou evidente na turma pesquisada, ou seja, as crianças já desde cinco anos, estão fazendo uso, mesmo que não tendo o total entendimento do ideal de branqueamento, para construir sua identidade e consciência racial.

O que as crianças negras internalizaram, foi exatamente o que o movimento de branqueamento quis legitimar, ou seja: “quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior eis, aí uma máxima difundida, “[...] que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada” (SCHWARCZ, 1998, p.189).

Tal premissa é perceptível no diálogo abaixo, a pesquisadora (P) e uma criança negra (Cn):

- P: Por que você quer ficar branco
Cn: Eu queria ficar branco que nem meu irmão
P: Ah é, por que?
Cn: Eu também quero ficar branco
P: Por que Danilo você quer ficar branco?
Cn: Porque é melhor

Nesse trecho, quando questiono a criança negra, o motivo que a faz querer ser branca, a resposta dela é pautada no que ela acredita, e que a nossa sociedade ajuda perpetuar, que branco é melhor. O que confirma o que Schwarcz (1998) disse, que o branco não é só uma cor e sim também uma qualidade social.

O fato é que as crianças negras estão reproduzindo o ideal de branqueamento e a questão eu se coloca é como o processo de branqueamento age na constituição da identidade e consciência racial da criança negra? Que identidade se constituirá.

Nesse contexto a linguagem e o outro assumem um papel importante. Mesmo que as crianças negras e brancas estejam reproduzindo o ideal de branqueamento, elas não fazem porque aprendeu de maneira sistematizada e sim porque desde cedo foram recebendo informações e internalizado-as através da linguagem verbal e não-verbal dos adultos em sua volta. Linguagem esta que além de ser, na maioria das vezes, pautada em estereótipos negativos construídos historicamente a respeito da população negra traz de forma camuflada o ideal de branquitude. O ideal de branquitude é entendido de acordo com Bento (2000) e Rossato & Gesser (2001), assim são os traços da identidade racial do branco brasileiro constituído também a partir do ideal do branqueamento. Pode-se definir com uma consciência silenciada que considera o ser branco como norma, classificando os outros grupos de modo inferior. De acordo com os autores essa branquitude é geradora de

conflitos raciais além demarca concepções ideológicas e práticas sociais. Desse modo, tal idéia vem aliada com o fortalecimento da auto-estima e o autoconceito dos indivíduos brancos, em detrimento ocorre um investimento na construção de um imaginário negativo referente à população negra.

Desse modo, ao ouvir determinadas falas advindas do meio qual convive a criança vai internalizando e apreendendo o discurso do outro.

Considerando que a identidade da criança negra esta sendo constituída através de dois vieses, a linguagem e a interação com o adulto e com as crianças, podemos pensar que na Emei onde se realizou a pesquisa a professora silenciou-se diante da questão racial presente no cotidiano escolar. Desse modo, a escola não contemplou as necessidades das crianças negras, não as valorizou deixando-as, aí nesse caso tanto as negras como brancas, a mercê, para construírem suas representações. Desse modo, as crianças negras, estão construindo sua identidade e consciência racial com base nas informações já apresentadas e crianças brancas através das mesmas informações, legitimam a sua branquitude e o significado que ela tem para sociedade.

Entretanto para as crianças negras o processo de construção será sofrido, pois no que se refere a população negra surge um sentimento de auto- apreciação, de auto conceituação dúbio ou mesmo negativo, devido principalmente “a precariedade de modelos satisfatórios e abundancia de estereótipos negativos sobre os negros” (CAVALLEIRO, 2000, p.25). Desse modo, se na escola, onde seria um lugar ideal para trabalhar com a diversidade, pois agrega crianças com diferentes características, costumes, história de vidas, não há um trabalho que valorize o negro e a diversidade no geral, nesse contexto a solução que a criança negra encontra é aproximar-se das características mais próximas do branco e assim afastar-se de qualquer resquício de negro, para isso nega a sua cor, e ao fazer nega também a sua identidade e consciência racial. De acordo com PIZA, (2002, p.65) essa atitude é um dos pressupostos que nos estudos sobre o branqueamento aparece, ou seja,

[...] adequação do negro a uma sociedade branca e embranquecedora, o que supõe que para atender às demandas racistas de embranquecimento da população brasileira, sua parcela negra tenderia a desenvolver a negação de sua racialidade e promover formas de embranquecimento, tanto na busca dos parceiros para miscigenação, no desejo de ascendência social através da melhoria do sangue quanto no comportamento discreto e distanciado de sua comunidade de origem, visando assemelhar-se ao branco.

Nesse contexto, a auto-declaração é um fator que necessita de compreensão, pois influencia diretamente na construção da identidade e consciência racial das crianças negras. O significado que tem o indivíduo negro na sociedade é perpetuado através da linguagem e é o que determina a auto-declaração, o que torna imprescindível a compreensão do papel da linguagem nesse processo.

Com base no referencial teórico adotado, a linguagem é compreendida como ideológica e é responsável pela transmissão dos significados presente na sociedade, refere-se aqui ao sentido que assume no cotidiano, nas relações verbais, a população negra, o racismo, a miscigenação, o ideal de beleza, o ideal de branqueamento, entre outros ligados à temática. Tais significados incutem na consciência dos indivíduos negros ideologias presentes na estrutura social.

5. Conclusões

Exponho aqui as conclusões que a pesquisa me permitiu chegar, juntamente com reflexões já apontadas no decorrer do texto.

Não constatamos no cotidiano escolar falas preconceituosas. No entanto, as crianças negras no seu processo de socialização, ocorrido no ambiente escolar, estão recebendo informações a respeito das diferenças, do seu grupo racial, das suas características e que está resultando em uma construção negativa ao que refere aos aspectos citados acima. E a criança branca não ficando isenta desse processo, recebe as mesmas informações, no entanto as mesmas são favoráveis, como também as que estão presentes fora do ambiente escolar, à construção positiva da sua identidade.

As informações a respeito da população negra estão implícitas no processo de socialização e na linguagem não-verbal, que circula no ambiente da educação infantil, desse modo, o que se vê é a não representação das crianças negras. Citamos por exemplo, o fato de que na Emei não se notou a presença de cartaz ou foto que representasse a criança negra, em contrapartida cartazes com desenhos de crianças brancas.

Assim o que prevalece é um silêncio sobre esse grupo e as coisas que lhe dizem respeito, como a cultura. E mesmo quando são representados ou mesmo a temática, ou seja, quando saem dos ‘porões’ essas são vistas como exóticas, entendidas como algo que

não faz parte do cotidiano e que não deve estar no ambiente cotidianamente somente em datas comemorativas. Esse silêncio em relação à presença das crianças negras, mesmo quando essas são maioria, está acarretando em um silenciamento ou mesmo uma negação por parte das crianças em relação ao seu pertencimento. Mas tal fato não está impedindo, que as crianças internalizem as informações advindas do ambiente escolar, através de cartazes e dos livros, a respeito do ideal de beleza, do ideal de criança ou o sentido que tem na sociedade se dizer negro. Nesse sentido, concordo com as palavras de Orlandi “dizer ou calar não é vazio de sentido, até o silêncio tem um sentido”. Ainda de acordo com a autora:

Dizer e silenciar andam juntos. Há, pois, uma declinação política de significados que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar de dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é a sua dimensão política (ORLANDI, 1995, p.55).

De acordo com Cavalleiro (2000), esse silêncio permite que cada criança socializada em nossa cultura internalize representações preconceituosas a respeito da população negra sem se dar conta disso, e mesmo, quando se dão conta, não modificam seu modo de pensar por acreditar ser o mais correto. Fato que percebemos na roda de história.

Na roda de história pudemos constatar que as crianças tanto negras como brancas, internalizaram os pressupostos do branqueamento e estão reproduzindo os estereótipos ligados à população negra, ou seja, que pessoas negras seriam desprovidas de inteligência, beleza, enfim sempre ligadas ao que é negativo. O que está causando danos perceptíveis à identidade e a consciência racial das crianças negras. Posto que além delas não se reconhecerem como negras estão internalizando e reproduzindo, através da linguagem, a representação que a sociedade possui da população negra. Pode-se dizer que devolvem para o social o que lhe está sendo imposto cotidianamente.

Desse modo, mesmo que não tenham enunciações negativas a respeito da população negra, vindas da professora ou das crianças, também não foi encontrada na Emei nenhuma que valorizasse, em contrapartida observou com relação à população branca senão enunciações positivas, imagens valorativas que alimentam o psiquismo contribuindo para auto-estima da criança branca. O que pudemos compreender é que o silêncio é como uma fala poderosa na mistificação da questão racial no cotidiano escolar e

possui resultados duradouros, ou seja, o silenciamento e a internalização do ideal de branqueamento, por parte das crianças, em curto prazo, e do cidadão ao longo prazo.

“O conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais no sentido ideológico deste termo quanto psíquicas” (BAKHTIN, 1995, p.59). De acordo com a citação de Bakhtin, compreende-se que o que formará o psiquismo da criança negra é o sentido ideológico do que é ser negro, desse modo pode-se concluir que a criança negra esta construindo uma identidade negativa, o que leva a negação do seu grupo racial e conseqüentemente a uma consciência racial negativa, que acarreta em não se assumir enquanto negro.

Fato que se atribuiu a internalização negativa tanto em relação a linguagem verbal, presente fora da escola como a linguagem não-verbal presente na escola mas de maneira oculta porém, prejudicial a constituição da identidade e consciência racial da criança negra, ou seja através da falta de representação da população negra neste ambiente. É através da linguagem verbal como também da não-verbal que as crianças apreendem o discurso e o mais importante, o significado que ele tem para sociedade. E o significado é composto de ideologia, de representações acerca de determinado assunto ou grupo, e em posse desse significado a criança constrói seu mundo interno.

A linguagem não tem um fim em si mesma, exerce um poder informativo e nesse seu fazer tem uma grande capacidade, a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação. No caso da questão racial e educação, a linguagem poderia ser utilizada, principalmente por aqueles envolvidos com o trabalho com as crianças, como instrumento de mudança, mudar as representações sobre o negro presente na sociedade. Isso poderia ocorrer através da própria roda de história, com a inclusão critica de conversas com as crianças a partir de suas falas. Pois creio na frase de Francisco Lucrecio quando diz que “aquele que conhece suas origens tem orgulho de ser negro”. Somente o conhecimento histórico não garante uma identidade positiva bem como a eliminação do racismo, no entanto contribui de modo eficaz para tais conquistas.

Desse modo, é importante pesquisas que busquem identificar o papel da linguagem na perpetuação do significado do que é ser branco ou negro e como a criança internaliza e quais os possíveis resultados. Posto que a consciência racial das crianças negras se constituirá de acordo com o sentido que as palavras possuem na sociedade. E quando o

sentido é internalizado pela criança, o mesmo tornar-se parte da sua consciência. Assim, a consciência se constrói com base em aspectos sociais, não podendo ficar reduzida ao processo interno de cada indivíduo. Para Bakhtin (1995), a consciência individual nada pode explicar, a não ser a partir do meio ideológico e social, sendo, portanto, um fato socio-ideológico. Desse modo, não existe signo interno na consciência que não foi realizado na parte externa.

Aliam-se a necessidade de mudança no currículo e nos cursos de formação de professores, mudanças que incluam a discussão sobre as relações raciais. Acredito que sem tal discussão não podemos falar em educação democrática, desse modo é imprescindível proceder à crítica do racismo vigente na sociedade e na educação. Desse modo:

Não se pode, contudo, esperar que se desintegram os sentidos instituídos - a naturalização dos preconceitos arraigados no imaginário social e que transversalizam os conteúdos e procedimentos didáticos - apenas pela vontade e clarividência dos “puros corações”. O terreno da instituição e realização da vontade, para o bem e para o mal, é a política; e então, é essencial a tenacidade do combatente (PEREIRA, 2005, p.41).

No contexto geral, a pesquisa constatou que a identidade e consciência racial da criança negra advêm da interiorização dos enunciados que estão postos na sociedade e que se reproduzem na Emei, de modo silencioso, porém eficaz. Neste caso, as crianças negras interiorizaram os enunciados negativos sobre a população negra causando danos psíquicos a sua auto-estima, enfim tornou-se individual o que era social:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados, [...] estão repletos das palavras dos outros, caracterizadas em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. (BAKHTIN, 1992, p.314)

Internalizaram o ideal de branqueamento e a representação que o negro tem na sociedade. E não só as crianças negras, como também a professora e as crianças brancas, fato que interfere no processo de construção da identidade e da consciência racial da criança negra como também na formação da auto-estima geralmente baixa da população negra e na supervalorização da população branca.

Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, Daisy Macedo. *Etnografia, Educação e Relações Raciais*. Disponível em www.acaocrianca.com.br. Acesso em dezembro/2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Viera. 7 ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. “Branqueamento e branquitude no Brasil”. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (orgs.). *Psicologia Social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-57.
- BERNARDINO, Joaze. “Ação Afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil”. *Estudo Afro Asiáticos*, ano 24, n. 2, 2002, p.247-273.
- BRASIL. *REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL*. v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do Silêncio do lar ao silêncio o escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FREITAS, Maria Teresa. *Vygotsky e Bakhtin - psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura”. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Editora Guanabara, 1973.
- JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papyrus, 1994.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Maria Eliza D. Afonso. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MOLL, Luis.C. *Vygotsky e a educação: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MOSCOVICI, Serge. “A representação Social da Psicanálise”. Trad. Álvaro Cabral, Zahar. 1978
- ORLANDI, Eni Puccinelli. “As formas de silêncio: no movimento dos sentidos”. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.
- PEREIRA, Amauri Mendes. “Escola - espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra”. In: ROMÃO, Jeruse. *História da Educação do negro e outras histórias*. SECAD/Brasília, 2005
- PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. “A cor nos censos brasileiros”. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (orgs.). *Psicologia Social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 91-120.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. “A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses” In: CAVALLEIRO, Eliane. (org.) *Racismo e anti-racismo na educação*. Ed. Summus, 2001

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Irene Sales de. Os educadores e as relações interétnicas pais e mestres - Franca: UNESP-FHDSS, 2001. 165p. (Dissertações de mestrado).

VYGOTSKY, Lev. “Psicologia concreta do homem”. Tradução de Alexandra Marenitch. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, p. 23-44, jul/2000.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Luiz de Camargo. São Paulo. Martins Fonte, 1991 (Coleção Psicologia e Pedagogia).

Livros Infantis

ANDRADE, Telma Guimarães Castro de. *Quem Procura Saci... Acha Pererê*. Ed. Loyola, 1991.

DIOUF, Sylviane A. *As tranças de Bintou*. Ilustração: Shane Evans. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.

LESTER, Julius. *Que mundo maravilhoso*. Ilustração: Joe Cepeda. São Paulo: Ed. Brinque-Book, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *Uma gota de mágica*. Ilustração: Claudius. Ed. Melhoramento, 1990.

MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do laço de fita*. Ilustração: Claudius. 7°. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA, Ruth. *O amigo do Rei*. Ilustração: Eva Furnari. Ed. Ática, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O presente de Ossanha*. Ed. Global, 2005.

ZIRALDO. *O menino marrom*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1990.